



A Biblioteca Pública de

Braga

5
MAIO
1973

SEMÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

A opção que se oferece aos Portugueses

Democratização do Ensino

No discurso que proferiu na sessão de encerramento do seminário sobre «Teorias políticas e económicas», promovido pela Comissão Concelhia de Lisboa da Acção Nacional Popular, o presidente do Conselho produziu uma série de afirmações da maior relevância política e da mais flagrante oportunidade. Tudo quanto Marcelo Caetano disse foi de importância incontroversa, mas o seu grito de alerta, não só por provir de quem provinha mas também por reflectir, profunda e verdadeiramente, a consciência nacional justifica especial atenção.

«O comunismo» — disse o eminente estadista — «não trouxe paz ao mundo, nem segurança às pessoas, nem felicidade às sociedades». E acrescentou: «Lanço o meu grito de alerta. Cada vez mais se define claramente a opção oferecida aos portugueses. Não se iludam. Têm de escolher, mas varonilmente, mas decididamente, entre um regime de verdadeira e sã democracia, como o nosso, onde dia e noite os dirigentes auscultam as necessi-

Visita de um membro do Governo

Em reunião familiar e de amigos, estive entre nós no passado dia 21, Sua Ex.^a o Senhor Dr. Nogueira de Brito, Dg.^{mo} Secretário de Estado da Urbanização e Habitação tendo passado o dia com família e amigos no Parque da Quinta da Pena, em Barreiros, propriedade do Senhor Paulo Barbosa de Macedo, onde as duas famílias se reuniram num saudável convívio, nessas maravilhosas paisagens da margem do nosso Cávado.

Entre as personalidades presentes a este convívio interno, contavam-se os Ex.^{mos} Senhores: Dr. Esparteiro, ex-catedrático da Universidade de Coimbra Dr. Vasco Faria, Governador Civil de Viana do Castelo e Dr. José António de Sousa Fernandes, médico da família.

dades do povo e, numa acção constante e perseverante, vão eliminando carências, apurando fórmulas de justiça social, promovendo o progresso, e a opressão comunista, que de democracia só tem o nome usurpado, e dilacera a pátria, entroniza o ódio, semeia a guerra civil e, no ventre de promessas irrealizáveis, a coberto de críticas irresponsáveis, só traz consigo o domínio do terror, da miséria e do medo »

Muitas considerações se poderiam emitir com base nestas palavras justas de Marcelo Caetano, cuja cristalina clareza dispensa comentários. Temo-las, porém, por desnecessárias, para não dizer supérfluas, pois trata-se de verdades elementares que, por elas mesmas, se impõem. No entanto, nunca será de mais acentuar essas verdades elementares, com o intuito único de chamar para elas a atenção dos portugueses porventura distraídos, para não dizer alheios, aos perigos que ameaçam a Nação e provêm dos que, dizendo-se propugnadores de uma democracia que, na realidade, não passa da negação pura e simples da verdadeira, da inofensível democracia, pretendem, nalguns casos de modo ingénuo, de boa fé, admitimos, derrubar uma realidade vantajosa cujos frutos nutritivos estão à vista de quem tem olhos para ver, para erguer uma irrealdade duvidosa que está longe de corresponder aos legí-

timos interesses da Nação.

O grito de alerta de Marcelo Caetano tem, pois, uma acuidade e uma pertinência, que dispensam especial saliência. A opção oferecida aos portugueses é imperiosa. Ou a verdadeira democracia, que é a decorrente do regime político que o actual Presidente do Conselho, por assim dizer, encarna, ou a opressão comunista, que a verdadeira Nação repudia, porque é a negação absoluta das liberdades fundamentais. Não se nos afigura que a Nação possa hesitar na opção a fazer. O espectáculo dado por aqueles que se querem impor à Nação à força de bombas mortíferas e de gritos subversivos é assaz expressivo para que os portugueses verdadeiramente dignos deste nome não o lamentem e, mais do que isso, não o condenem. Ao regi-

«Continua na 4.ª página»

I Congresso da Acção N. Popular

No Congresso da Acção Nacional Popular, que decorre em Tomar, o concelho de Amares está ali representado pelos congressistas, Senhores Doutor José Joaquim Pereira da Silva e João Barbosa de Macedo.

Ao encerramento assistirão também o Senhor Presidente da Câmara, e outros nacionalistas.

Nova Rua de Cintura nesta Vila

O Senhor Presidente da Câmara Municipal de Amares acaba de obter pessoalmente confirmação de despacho que concede a participação do Estado para a Rua de cintura desta Vila, troço entre a Lage e o Senhor Frederico Colona.

É realmente uma agradável notícia, pois vem dar-nos a esperança de que o ritmo de construções e expansão da Vila, que se verifica não parará, devido à falta de terrenos.

A falta de terrenos é porém tal, que a nossa Câmara tem de providenciar imediatamente para que novas artérias surjam, pois já se sabe de antemão que os terrenos desta nova rua, embora de certo modo extensa não chegam já para os pretendentes.

Há que adoptar com vista ao futuro, as facilidades que a lei dos solos concede aos Municípios.

Já por várias vezes temos procurado assimilar certos vocábulos modernizados que aparecem com frequência nesta ânsia de renovação a que está votado o mundo. Sentimo-nos, porém, absorvidos por anátemas suspeitos, dado o facto de nos considerarem ultrapassados, desde que não assimilamos e não acordemos com a modernidade.

Claro que poderíamos expressar uma avantajada nomenclatura de «dade», hoje empregada *ad hoc*, sem sentido nem intrínseca sequência em períodos da nova geração de escritores, a bem dizer medíocres. E aí temos o tal termo «democratização do ensino» que consideramos exagerado, pela dificuldade de aprender a sua essência. Seja como for, ainda agora se tratou da reforma da Lei do Sistema Educativo, na nossa Assembleia Nacional, tão verbosamente e fluentemente discutida que, a bem dizer, ficamos de certa maneira pouco inteirados do seu conteúdo, a não ser a perseverante democratização do ensino.

Ora, se nos dão licença, entendemos por democratização do ensino o acesso de toda a gente à sua possibilidade de aprender, sem restrições de ordem material, o que deve inserir-se na Lei do Sistema Educativo. Houve, talvez, da parte dos nossos representantes legislativos, determinado olvido, acerca da maneira de encarar esse sistema, sob um aspecto que reputamos de essencial.

Somos representantes de um concelho que pertence a uma província privilegiadamente rural e portanto, fundamentalmente diferenciada daquela onde a indústria se encontra concentrado, em áreas quase estruturadas para o efeito. Daí ser a agricultura o primado da província, disseminada por extensas zonas rurais, quantas delas com características diversas e com uma população escolar dispersa, que só poderá e até deverá ser preparada para a sua futura função, seja a vida rural. E que

acontece? A Escola Primária, em qualquer parte do país, cinge-se ao ritmo de escolaridade nacional, sem cuidar de ambientar a criança, preparando-a para a vida rural e não apenas e consequentemente para o prosseguimento dos seus estudos no liceu ou numa escola técnica. Parece-nos, pois, que

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Boa Páscoa, Leitor! Cá na cidade, toda a gente diz, por estribilho: «Obrigado. Houve saúde; é o que é preciso». Na aldeia já não é assim. O decorrer da Páscoa, é outro. E, por sorte, tenho família da aldeia e na aldeia, embora sejamos da cidade. Daí ter este ano ido ali à procura da Páscoa do meu tempo, em que o ilustre padre nos aparecia com a sua bonomia habitual, num cerimonial imbuido de crença, de fervor, de devoção que atravessava a alma, embora singelamente, em misto de sensibilidade e amor a Cristo.

Esbarrei! Nada encontrei de semelhante ao meu tempo, em que os meus, possuidores de uma quinta em Santo Tirso nos levavam para ali a passar as férias da Páscoa.

Não sou saudosista. Nunca o fui. Sempre possuí o bom senso, mesmo de rapaz, para arredar a saudade da mente, convencido de que isso só prejudica o indivíduo quer espiritualmente, quer materialmente. Mas esbarrei, desta vez. É que encontrei na aldeia onde estive uma substancial diferença da Páscoa de há dois anos, por exemplo.

O padre daquela paróquia, como de outras, talvez convencidos pelos contestatários resolveram que o «compasso» não saísse. Claro que foi o «fim do mundo». Podia ter havido uma «revolução». E não há dúvida que os paroquianos tinham razão e tena. Querem que-dizia-um-ao menos uma vez por ano Nosso Senhor seja visita da

«Continua na 4.ª página»

Várias Notícias de Caires

Foi solenemente baptisado na Matriz de Caires, o menino Fernando António Rodrigues Cerqueira, filho estre-mecido do sr. António Antunes Cerqueira e de sua esposa Conceição Pinheiro Rodrigues do lugar do Paço, sendo padrinhos, por procuração, Fernando Veloso de Magalhães e sua esposa Tereza Augusta Dias Pereira de Magalhães — da Feira Nova, ausentes no estrangeiro. Ao menino neófito, aos seus pais, avós e padrinhos, desejamos-lhes muitas felicidades.

No passado Sábado, na Igreja paroquial de Carrazedo, realizou-se o casamento do jovem Carlos da Silva Almeida, do lugar de S. Vicente desta freguesia de Caires, um belo rapaz da nossa querida «Acção Católica» e membro do nosso grupo teatral e desportivo, com a gentil menina Maria de Lassalette Rodrigues Soares, do lugar do Monte, da dita freguesia de Carrazedo, sendo padrinhos desse casamento o Senhor D. António de Azevedo Sá Coutinho e a gentil menina Maria Caetana de Azevedo Sá Coutinho Russell. Houve amistosos brindes dos snrs: António Russell, D. António de Azevedo Sá Coutinho, do venerando Padre Fernando Pereira de Castro — Digno Abade de Carrazedo, e do Rev. P.º Calisto Vieira — pároco do noivo. Era, realmente, um cortejo grandioso, de clero, nobreza e povo que culminou na casa dos pais da noiva com um completo repasto onde nada faltou. Parabéns e muitas felicidades.

Regressou do Ultramar — missão cumprida — o nosso brioso soldado Manuel da Costa Fernandes, do lugar das Pousadas, filho muito querido do sr. Joaquim Emídio Fernandes e de Maria Rosa da Costa. Abraços de comoção! Lágrimas de alegria!... Corações a vibrar... foguetes a estourar. Família e amigos — Tudo em festa!... A paróquia a recebê-lo em Aleluias pascais Um delírio.

Foram muitos os nossos amigos de Braga, Porto, Coimbra, Lisboa e França que nos vieram visitar nas festas Pascais. Obrigados, amigos. Para os que não puderam vir cá, e não nos visitaram, entre os quais, o Senhor João Moreira, enviamos os nossos votos de felicidades e os nossos cartões de «Boas Festas da Páscoa».

O nosso novo e brilhante grupo coral que embelezou a nossa páscoa, continua a exhibir-se no mês de Maria — à tarde, que tem sido bastante concorrido — Parabéns.

ANEDOTAS

Antes de sair para fazer compras, disse a mãe à filha que andava pelos 7 anos:

Toma lá dois bolos, um maior e outro mais pequeno. As três horas dás a escolher au teu irmãozinho e cada um com o seu.

—Está bem, mãezinha.

Quando voltou encontrou as duas crianças a comer os bolos, e viu, admirada, que o filho tinha o mais pequeno.

—Então tu não deste a escolher ao teu irmão?

—Dei sim, mãezinha.

—Que é que tu lhe disseste?

—Eu disse: «Ou tu escolhes o mais pequeno ou eu como tudo.»

* * *

—Papá lá na igreja não consentem cães... Logo que algum entra, coitadinho, enxotam-no para a rua. Porque seiá?

—Porque a igreja não é para cães, é para homens...

—Ah!... e então porque é que o papá não vai à igreja.

* * *

A dona de casa para o pedinte:

—Oíça cá, você quer ajudar a criada a limpar o quintal? Dou-lhe vinte escudos.

—Posso ver primeiro?

—O quintal?

—Não, a criada!...

Ludovina Pontes

Casamento Elegante

Na Igreja de Fiscal realizou-se com a maior solenidade o casamento da prendada menina Rosa Veloso da Costa, dileta filha do sr. José da Costa e de sua esposa D. Maria Sá Veloso, com o Sr. Augusto Passos Antunes, filho do sr. Domingos Antunes e D. Albertina Virgília Passos, todos filhos dessa terra actualmente paroquiado pelo padre Joaquim da Costa que presidiu à cerimónia dirigindo aos noivos uma alocução própria da sua cultura e da sua devoção Religiosa.

Depois da cerimónia religiosa seguiu-se um lauto almoço no Millio Rei da Feira Nova servido primorosamente como já é costume em actos desta natureza. Felicitamos os noivos e auguramos-lhe as maiores venturas para bem de Deus, da Pátria e da família que vão constituir.

«A RIVAL» — CASA DE PASTO DE ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares

AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

—Não se canse muito a falar. O médico volta?

—Esteve aí há pouco. Deixou uma receita, não sei para quê. Não tenho dinheiro para aviá-la nem tão pouco a farmácia fia... Que triste é a pobreza, minha querida Lolal

—Não se apoquente. Com boa vontade, tudo se faz.

Enquanto falava, Dolores tirara o xaile, ecendera o lume e pusera a água a ferver.

A senhora Filipa era um triste exemplo de uma vida, já no fim, mas que conhecera anos de esplendor, de brilho, de triunfo!

Aquele rosto marcado pela doença, em estreita aliança com a miséria, fora outrora formoso. Os olhos agora encovados, foram durante anos o encanto de quantos os fitavam, tal era a sua infinita doçura! A sua voz, agora apagada e roufenha, tinha um timbre de oiro a tilintar e despertar em muitos corações um grande entusiasmo quando a senhora Filipa entoava trovas populares, como notável intérprete que fora dos cantares flamengos.

Pela sua alegria esfuziante, pela sua beleza escultural, pela sua voz cheia de sentimento, chamavam-lhe então a «Cigarra de Oiro».

Quando cantava «seguidillas», «soleares» ou «peteneras», o auditório ficava preso do encanto da sua voz, emocionado, aborto, e as palmas estrugiam entusiasmadamente em frenéticos aplausos!

Nascera em Madrid, filha de pais andaluzes, e a alma da Andaluzia, dir-se-ia que era a sua própria alma vibrante e estremecida das camadas populares, que chegavam a erguê-la em triunfo!

Os homens ena noravam-se dela, assediavam-na com declarações de amor, fazendo à «Cigarra de Oiro» tentadoras propostas. Um marquês andaluz, homem riquíssimo, lavrador e criador de toiros bravos, quis casar com ela. Filipa, porém, não se queria casar e rejeitou a oferta.

E assim, porque adorava a sua liberdade e a sua arte, não quis unir-se a qualquer homem. A sua vida era o canto, os aplausos e a interpretação dos sentimentos do Povo.

Mas... a mulher nasceu para amar, e estava escrito no Livro do Destino da formosa «Cigarra de Oiro» que havia de enamorar-se algum dia e amar a valer, com a mesma paixão que punha nos acentos vibrantes da trova popular.

Enamorou-se de um homem que a amava de todo o coração. Era um homem já maduro mas relativamente jovem ainda. Não era um velho, não. Viúvo, com um filho ainda de pouca idade, não era rico, mas tinha o capital suficiente para viver do seu rendimento. Amaram-se intensamente.

No entanto, no mais íntimo do coração da «Cigarra de Oiro», houve uma luta entre o amor à sua arte, entre a sua vida de triunfos e o paixão, nascente que havia de levá-la ao casamento.

Acabou por renunciar à sua vida artística e casou-se com o homem amado. Deixou os aplausos, o dinheiro, os adoradores, os lauréis, os triunfos, para entregar-se de corpo e alma a alguma coisa de mais duradouro:—o verdadeiro Amor!

Morrera a «Cigarra de Oiro» e nascera a senhora Filipa. Toda a gente esqueceu, então, a primeira.

Filipa foi felicíssima com o marido, uma bela companheira e uma madrastra que mais parecia uma verdadeira mãe. Viveram assim os três verdadeiramente felizes.

Nade faltava a Filipa, embora não fosse milionária nem mesmo propriamente rica, mas tinha a abundância necessária e a fortuna de íntima felicidade.

Esperavam-na, todavia, dias de provação.

O marido faleceu com cinquenta anos, deixando-a imersa numa grande dor. O seu luto interior foi tão sentido, que ainda agora — na miséria em que vive — todos os seus pensamentos eram para o morto querido.

Filipa teria quarenta anos quando o marido morreu. O enteado tinha uns quinze anos, e ele se dedicou inteiramente, fundindo nesse amor o afecto que tivera pelo pai.

Amimava-o, fazia-lhe todas as vontades, como se realmente se tratasse de um filho seu.

Foi o que o perdeu.

O rapaz foi crescendo em liberdade, habituado a uma vida de indolência e a gasiar o que queria. Quando chegou a homem, converteu-se num verdadeiro malandro.

Femeeiro, jogador, mandrião, precisaria duma grande fortuna para viver a sua vida, e como a madrastra, embora pretendesse corrigi-lo, acabava sempre por transigir concedendo-lhe tudo, o rapaz acabou por ser um homem perdido.

Os piores vícios assenhorearam-se dele e a pobre madrastra teve dias de verdadeira prova, de cruéis desgostos, de cenas amargas.

Quando Filipa quis pôr um freio às dissipações do enteado, era demasiado tarde. O mal já não tinha remédio...

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

A Páscoa em Caldelas

Ficará na memória de toda a gente que assistiu ao compasso na freguesia de Caldelas, a alegria e o movimento que reinou durante o dia de domingo desde a sua saída até ao recolhimento.

Em caso do Mordomo Sr. José Fernandes da Rocha a festa teve foros de acontecimento não só pela bondade do mordomo como pela categoria da casa que representa. Uma lauta mesa ornamentada a rigor e com gosto foi posta à disposição dos amigos que entraram e que eram recebidos com carinho por todos os familiares do snr. Rocha uma das pessoas mais queridas de Caldelas deixando a família um nome que a honrará para sempre.

Abrilhou o compasso a banda de música das Taipas que não deixou a todos as impressões esperadas do famoso conjunto.

Merece especial elogio o pároco da freguesia padre Adelino que é a expressão nítida da bondade e do amor a Deus e aos paroquianos que o amam.

Quando Será?

Não se consegue uma explicação satisfatória para se saber porque é que se abriu uma fronteira para estar de «portas» fechadas ao tráfego internacional e de um modo especial prejudicial aos interesses Luzo Espanhois!

A Portela do Homem aberta como foi pelos dois países tinha em vista outro fim maior o de perder a utilidade e prejudicar gravemente o desenvolvimento de uma zona privilegiada e onde se montava estabelecimentos dignos de ser amparados e até protegidos pois contavam que as afirmações feitas pelo Presidente da República, no acto da inauguração do Parque Nacional do Gerês, dessem rápida solução a um problema que ainda hoje não está resolvido e sem se saber se o será! não era a imprensa a escrever e a reclamar mas sim as autoridades a pedir ao professor Marcello Caetano que venha ao Gerês para ver a razão do seu atraso.

Turismo Religioso

Não é só a Pátria e a família que prende ao torrão Natal muitos emigrantes espalhados por esse Mundo de Cristo que vieram ver com as famílias as festas da Páscoa do Minho aonde nasceram. Um filho de Carragedo, sr. Domingos Ferreira Fernandes, veio e trouxe a famí-

lia para cumprir a promessa de ser mordomo da Cruz a quem deve muitos favores do Cristo que ele acompanha para entrar em todas as casas. E foi tão amigo da terra e da música de Amares que já o ano passado a contratou para a sua presença no campo de 1973.

Casas do Povo

Os associados contribuintes das Casas do Povo concorrendo gostosamente para a sua existência com as cotas que lhes são atribuídas, não usufruem de vantagens que dêem gosto de pagar. Isto no que diz respeito às do concelho de Amares, as vantagens estatuídas não são postas em pratica por falta de fundos e carência de instalações desportivas. Pelo menos uma biblioteca e um jornal diário não existe na de Rendufe talvez por descuido da comissão administrativa composta por membros que não se apercebem dos gostos e das necessidades de muitos sócios. O desporto para a juventude era a escola primária dos alunos candidatos ao futebol que evitaria a crise de bons jogadores que atravessam os clubes da primeira Divisão. Quando aparece um habilidoso dá-se-lhe importâncias inacreditáveis, mas o mais triste é ir buscar fora o que em casa podia sobrar.

Vai a Casa do Povo de Rendufe denominada de Entre Homem e Cávado rasgar o véu da fantasia. Vai construir uma sede com um pavilhão Ginadesportivo o primeiro que em Amares mostra verdadeiramente o que desejam os seus sócios contribuintes para os seus familiares. O resto virá a seu tempo mas esse resto compete às direcções ou às comissões administrativas. Oxalá que essa gente que é chamada para esses lugares se não esqueça dos seus deveres ou que se convença que está a governar casa sua pondo em pratica economias que provocam o desgosto de jovens pelas tabernas a jogar à sueca.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carragedo Amares

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, dia 6, passa o aniversário natalício da Sra. D. Belmira Araújo da Silva Macedo.

No dia 8 o Sr. Bernardino Carvalho Ribeiro

Neste dia festeja também o seu aniversário natalício a Sra. D. Filomena Rosa Dias Antunes, esposa amantíssima do nosso colaborador Snr. Manuel Pereira Janela.

No dia 9, o Snr. Arnaldo Alves Vitoriano.

No dia 10 a menina Maria do Carmo F. da Costa.

No dia 11 a sra. D. Erme-linda Tinoco Paredes e o Sr. João Barros Queirós, ajudante da Farmácia e nosso dedicado assinante.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

Canadá

Eduardo da Costa Fernandes

No próximo dia 10, passa o aniversário do nosso estimado assinante e antigo camarada de trabalho sr. Eduardo da Costa Fernandes, que com sua Esposa D. Deolinda se encontra ausente no Canadá.

Desejamos-lhe um aniversário muito feliz junto de sua querida esposa e cunhados e que esta data se repita por anos sem fim, são os votos dos familiares aqui residentes e também os votos muito sinceros de Tribuna Livre e dos seus antigos camaradas deste «Semanário».

SALVÉ-7-5-73

António Januário V. de Barros

Na próxima segunda-feira, dia 7, passa o aniversário natalício do sr. António Januário Veloso de Barros, filho extremo do snr. Januário de Barros e D. Carminda Veloso, proprietários da Farmácia Pinheiro Manso desta Vila.

Tribuna Livre cumprimenta efusivamente o «Tonéco» como é carinhosamente conhecido, e deseja-lhe muitas felicidades e que esta data se repita por muitos anos e felizes junto de seus familiares presentes e futuros.

Parabéns

Desporto local

Enquanto o responsável pelos relatos completos dos jogos em que o Amares intervém no Campeonato da II Divisão da A. F. de Braga não recupera da «lesão» que sofreu há tempos, e de que não fomos culpados — primeiro o pão nosso de cada dia — apra! que é teimoso este nosso colaborador, vamos dar ao conhecimento, mais uma vez, dos resultados que o nosso representante tem feito:

No domingo anterior à Páscoa deslocou se o nosso clube ao campo do Ronfe onde — até parecia andebol de sete — foi batido por 5-3.

No domingo passado, dia 29, recebeu o Vilaverdense e, então, sim: venceu e convenceu derrotando os Vilaverdenses por 1-0, mas muito mais merecia o glorioso F. C. Amares.

Amanhã deslocamo-nos a Vizela para defrontar o Moreirense. Esperamos com fé, como sempre, um bom resultado, já que as aspirações da subida de divisão ainda não estão de todo perdidas. Que sejam felizes.

Vamos senhor colaborador desportivo, já chega. Os emigrantes do concelho precisam de estar ao corrente do que se passa em desporto no nosso meio. E se lhe assiste uma pontinha de razão, que diabo, Deus também perdoou a quem o matou. Eu até estou em crer que Nosso Senhor, na sua infinita misericórdia, perdoou a Judas a traição; e repare que, no entanto, há terras onde queimam um espantalho à semelhança daquele que foi apóstolo do Mestre.

CATOLINO

FALECIMENTO

No dia 26 de Abril, pelas 22 horas faleceu na sua casa de residência no lugar de Tabios da freguesia de Dornelas, o Senhor, Manuel António Vieira, casado proprietário com 61 anos de idade, deixa viúva a Senhora D. Elíia de Sousa Vilela, era pai dos Srs. Evaristo José Vilela Vieira, António José Vilela Vieira Américo José Vilela Vieira, residente em Caracas — Venezuela, Deonísio José Vilela Vieira, Fernando José Vilela Vieira, Maria José Vilela Vieira, e Florinda Vilela Vieira.

Foi sepultado no jazigo da família em Dornelas, a sua morte foi muito sentida por todos de Dornelas era amigo de servir a todos que o ocupavam, amigo dos pobres.

Os nossos profundos sentimentos à numerosa família enlutada.

MATADOURO MUNICIPAL

Parece estarem em bom andamento as negociações para a aquisição do terreno e construção do nosso Matadouro Municipal, obra do maior interesse para o Município e para os talhantes, assim como para o público consumidor.

A sua falta está a acarretar grandes prejuízos e além disso corre-se o risco de ter de serem mandadas abater num matadouro dos concelhos vizinhos, as reses destinadas ao nosso consumo, o que é deprimente.

Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162

Por Goães

ESCOLAS

Alegre notícia quero dar a presentes e ausentes desta terra: o terreno que fora oferecido para o novo edifício escolar já foi aprovado pelo sr. engenheiro-chefe das construções escolares do Norte.

Oxalá venha depressa esse novo edifício, pois a actual escola não tem condições pedagógicas.

Como é possível cada professora ensinar todas as classes a cerca de 55 alunos? Vejo aqui uma das mais fortes razões do analfabetismo nesta freguesia. Daqui lançamos um apelo veemente ao Digníssimo presidente da Edilidade para colocar entre as suas grandes preocupações a realização desta obra já urgente há 10 anos.

Quando a obra se realizar é mais que justo que seja colocada na escola uma lápide a eternizar os agradecimentos a João das Neves Moreira, o grande benemérito. Sem ele, nem hoje a escola seria uma esperança.

VISITA PASCAL

Decorreu com brilhantismo.

mo e alegria a saudação pascal que Cristo ressuscitado levou mais uma vez a todas as famílias.

Em cada casa, fez-se uma pequena celebração pascal espécie de oração de súplica a pedir a bênção de cada lar. Parece que esta nova modalidade agradou muitíssimo por inédita. Assim a visita pascal vem mais carregada de simbolismo espiritual.

OBRAS PAROQUIAIS

A todos os ausentes devotos de Nossa Senhora do Livramento, lembramos e noticiamos, com alegria, que a sua capela vai sofrer completa remodelação: terá uma nova sacristia, já quase pronta, uma pintura interior nas paredes e talha do altar e ainda um pequeno sino.

Não esqueçais a Senhora. Ela, nas boras de transe, é sempre a Senhora do Livramento.

Não esqueçais de contribuir com o vosso óbulo.

C.

5.ª COLUNA

«Continuado da 1.ª página»

casa. E este um que me disse isto, representa' evidentemente, toda a paróquia. Todavia, oitenta paroquianos (e só homens) avistaram-se com o abade e «intimaram-no a sair o «Compass». E o abade, com todas as suas convicções, tentando convencer os oitenta nada conseguiu, e o «compasso» teve de Sair. Saiu. Mas foi uma desolação. O senhor Abade não apareceu. Apareceram seminaristas de 16 a 17 anos de idade, em sua substituição.

Teve a pouca sorte, o Abade de me encontrar. Teve a pouca sorte de eu não estar de acordo com ele. E tivemos um diálogo um tanto ou quanto agressivo, dentro da educação própria de dois homens colocados no seu lugar: um como padre; outro como leigo. Ora, o nosso abade precisou-me que era necessário mentalizar o povo sobre saída do Senhor, em Páscoa. E aduziu uma série de razões, mesmo teológicas, como que não concordei. E como tinha estado em Braga, na contemplação da procissão dos Passos, tendo a sorte de ouvir uma prédica do Arcebispo Primaz na cerimónia de homenagem ao Governador Santos da Cunha, dizendo-nos que «estão errados os que não querem procissões, porque bastou a imagem que me ficou do Largo de Santa Cruz, ao deparar-se-me tão grande multidão de fieis para ver passar a procissão» peguei ao abade com estas palavras do antístite bracarense, ao que ele retorquiu com meia dúzia de palavras sobre a mentalização do povo. Mais teria a contar-lhe, leitor, mas o espaço já vai largo e eu fiquei com a convicção de que falara um contestatário.

Não lhe parece?

EME ABRIL

A opção que se oferece aos Portugueses

me de ordem, se os verdadeiros portugueses o quiserem, como o têm querido, não há-de suceder o regime da desordem. Os inimigos de Portugal, inconscientes uns, admitimos, mas conscientes outros, não passarão, com as suas bandeiras vermelhas e com os seus punhos cerrados. A humana muralha dos verdadeiros portugueses conter-lhes-á os ímpetus fraticidas e os desvairados intentos. O grito de alerta de Marcelo Caetano, porque reflete o bom senso e a verdadeira vontade da Nação, continuará a ser ouvido, como o tem sido até agora. O verdadeiro Portugal manter-se-á firme e inabalável contra os ataques do falso Portugal. A opção está feita, a bem da Nação.

A. de Freitas.

1.ª Publicação
TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA
DE
AMARES

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito da comarca de Amares, na acção com processo sumário pendente nesta Secretaria, movida por AVELINO DE ALMEIDA PEREIRA e mulher MARIA ELVIRA GONÇALVES, e ARTUR EUGENIO PEREIRA e mulher PAULINA DOS ANJOS DA CUNHA, todos do lugar da Ponte do Porto, freguesia de Prozel, contra ARMANDIO DIAS RIBEIRO e mulher MARIA DAS DORES GALVÃO TELES, proprietários, esta residente no mencionado lugar da Ponte do Porto e aquele em parte incerta da França e com último domicílio conhecido no mesmo lugar da Ponte do Porto, freguesia de Prozel, desta comarca, é o referido ré citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de DEZ DIAS que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da segunda e última publicação deste anúncio, sob cominação de vir a ser condenado no pedido que os autores deduzem naquele processo, e que consiste em: a) ser definido e declarado o direito de servidão de escoamento existente a favor do prédio dos autores e onerado o prédio dos réus; b) serem os réus condenados a abrirem imediatamente os boeiros ou enxurreiros e a restituírem o sistema de escoamento à forma anterior e antiga; c) serem os réus condenados a pagar aos autores a indemnização que vier a ser liquidada em execução de sentença; e, d) serem condenados nas custas e condigna procuradoria.

Amares, 26 de Abril de 1973

O Juiz de Direito,

Alfredo Jaime Menéres Correia
Barbosa

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

ALFAIATES

Fábrica de Pronto-a-Vestir, em Lisboa, precisa.

Bons salários

Semana americana.

Informa esta Redacção

Democratização

do Ensino

«Continua çãoda 1.ª Página»

numa escola primária rural a preparação deve ser menos exigente e mais especificamente campesina (digamos assim) do que no meio urbano.

Conhecemos, em velhos tempos, uma professora primária (a Mestra) que não só ensinava as crianças a ler, escrever e contar como lhes ministrava certos ensinamentos de que como se defolhava o milho, como se mondava, como se atava um feixe, etc., etc.. E dizia-me ela: «Menino: isto aqui, na aldeia, tem de ser assim. Senão, as crianças, nem aparecem na cola.»

Hoje que vemos? Raparigas, educadas na cidade, saídas professoras com toda a pedagogia e devoção pela sua profissão, atiradas para aldeias sertanejas, onde o camponês miúdo aprende, de facto, alguma coisa, mas nada sabe a respeito da sua posição rural e, quando se vê livre da terra, através, por exemplo, do serviço militar, com a 4.ª classe, ou mesmo com a 3.ª já não quer voltar mas sim ficar num meio urbano onde se encontra mais à vontade, mercê do que aprendeu através da instrução primária. É que a professora, não sendo de origem campesina, nada fez para lhe inculcar o amor à terra.

Mas disto ninguém se lembrou na Assembleia Nacional. Disto e de mais.

Noutro artigo pronunciar-nos-emos.

Militão Porto

Condições de Assinatura

	Continente
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
	Ilhas
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
	Brasil
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
	Estrangeiro e Províncias Ultramarinas
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Intrigas e traição

É frequente no consumo dos dias da nossa existência, produtiva, tranquila e despreocupada, aparecerem-nos homens, assim os denominamos por favor, cuja conduta reprovável, em virtude da falta de sinceridade, nos deixa preplexos. Apresentam-se insensíveis às recriminações que lhe são ou foram feitas, pelos actos condenáveis em que intervieram e atrevidamente pretendem ainda acreditar-se como conselheiros despreziosos e amigos verdadeiros. Este cinismo impressionante veio lembrar-me o que um dia li numa obra, e em cuja leitura deparei com a descrição da vida dum impostor e intrução que, com astuciosa hipocrisia, conseguiu guindar-se até à Côte Russa, onde num labirinto tenebroso por ele urdido, ludibriou, embora temporariamente, todos os do meio em que viveu. Esta figura sinistra foi o Monge Rasputine, ignorante e sordido, sensual e corrupto. Gosou de grande crédito, apesar de efémero, que se estendeu até aos Imperadores. Tantos foram os prejuízos causados pela sua nefasta e ultrajante vida, até ao sacrifício da existência de pessoas de destaque na vida social, que um dia foi assassinado e a autoria desta execução coube a uma distinta figura da Côte—UM PRIN-

CIPE. Acrescenta ainda a história a que nos reportamos que os autores desta conjura nada sofreram porque tudo se modificou para um entendimento construtivo e a tranquilidade do Império Russo. Não se deseja tanto para os Rasputines de hoje e de qualquer latitude, mas apenas a sua expulsão dos lugares donde e onde tantos prejuízos estão a causar aos entusiasmados pela vida e progresso do Concelho, aqueles que, agora traídos, os ajudaram a alcançar lugares com uma compensação de que não são merecedores, atendendo ao seu baixo grau de conhecimentos e nível de instrução. Aqui deixamos a advertência, sucintamente descrita, por ser oportuna e necessária, mas sem sangue nem sacrifício de vidas. Apenas o seu afastamento para expiar as suas condenáveis faltas, para a tranquilidade de todos e do Bem do concelho.

Confiantes, assim o esperamos.

Telefone dos Bombeiros
V. de Amares
62162